



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UnB  
FACULDADE DE PLANALTINA – FUP  
LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO

EURILENE FRANCISCO DE SOUZA

A CIRANDA INFANTIL ENQUANTO ESPAÇO POLÍTICO FEMININO  
A experiência do curso de Licenciatura em Educação do Campo, UnB Planaltina

Planaltina - DF

2021

EURILENE FRANCISCO DE SOUZA

A CIRANDA INFANTIL ENQUANTO ESPAÇO POLÍTICO FEMININO

A experiência do curso de Licenciatura em Educação do Campo, UnB Planaltina

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Educação do Campo, da Faculdade de Planaltina da Universidade de Brasília, como requisito para obtenção do título de Licenciado em Educação do Campo.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup> Eliete Ávila Wolff

Planaltina - DF

2021

BANCA EXAMINADORA

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Eliete Ávila Wolff - Orientadora

---

Prof<sup>a</sup>. Neuza Cezário dos Santos

---

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Maria Osanette de Medeiros

*Dedico este trabalho a minha filha Gabriella por quem estive todo esse tempo lutando, para mostrar-lhe um pouco da realidade da vida, para que, através de exemplos de luta e garra, ela possa refletir sobre a importância da obtenção de conhecimentos e que este exemplo traga contribuição e crescimento para sua vida.*

## AGRADECIMENTOS

Quero agradecer primeiramente a DEUS pela oportunidade concedida.

A meus pais e irmãos, por estarem sempre ao meu lado me apoiando e dando suporte a mim e a minha filha. Eles me apoiaram psicologicamente muitas vezes, quando pensei em desistir e deixar tudo para trás. Acreditaram, para que eu me mantivesse focada e concluísse minha tão sonhada graduação.

A minha filha, que por muitas vezes ficou longe e sentindo falta da minha presença como mãe, pois foram muitas idas e vindas.

A minha mãe Nelma e meu pai Sabino, que me criaram e ensinaram tudo que sou como mulher, mãe e esposa.

A minha irmã Emilly Vitória, pelo carinho.

Ao meu grande amigo e irmão Ueldes, por me ajudar de todas as formas; meus respeitos.

A todos os professores, coordenadores, educandos, cirandeiros, pessoal da limpeza, os recepcionistas, vigilantes a todos que comigo conviveram nos momentos mais fáceis aos mais difíceis, meus colegas de sala de tempo universidade da FUP, gratidão por tudo, nos momentos muito difíceis da vida é que descobrimos quem são os verdadeiros amigos, e foi exatamente nesse momento que descobri minha grande família FUP, UNB...

A todos os demais, familiares e amigos que me apoiaram no decorrer dessa caminhada. Aos que acreditaram, gratidão e aos que não acreditaram, obrigada por me fazerem mais forte.

Meus agradecimentos à Neuzinha, pela dedicação, amor, carinho e cuidados com a Gabriella. Gratidão por fazer parte de nossas vidas, pelo apoio, força e toda compreensão e por estar comigo até hoje finalizando meu TCC.

À minha Orientadora Eliete Ávila Wolff, pela dedicação incansável, que me apoiou e acreditou em meu potencial. Meus profundos agradecimentos por tanto empenho e apoio.

## RESUMO

Este trabalho é resultado de uma pesquisa realizada na Ciranda Infantil do Curso de Licenciatura em Educação do Campo da Universidade de Brasília. Teve como foco o lugar ocupado pelas mulheres, enquanto espaço materno/político/pedagógico. A ciranda é um espaço de cuidado lúdico e educativo. Foi realizada pesquisa bibliográfica acerca de trabalhos que discutem a educação infantil do campo, sobre a questão de gênero na universidade, assim como sobre a origem e a experiência da ciranda infantil da LEdoC. A metodologia consistiu de observação, consulta documental e aplicação de questionário a técnica de observação participante como forma de conhecer a relação da ciranda com as mães. Aplicamos um questionário aos estudantes do curso sobre a importância da ciranda para a formação de professores.

Encontramos que a ciranda promove o espaço de cuidado educativo necessário para as mães exercerem suas tarefas de estudantes universitárias. Identificamos que a ciranda afeta toda a faculdade de Planaltina, na medida em que envolve técnicos de vários setores, professores e estudantes na sua manutenção.

São essencialmente estudantes e em especial as mães universitárias que garantem a continuidade deste espaço em uma atitude de compromisso com a sua própria formação e com o espaço enquanto direito.

**Palavras-Chaves:** Educação infantil do campo. Gênero na universidade. Formação de professores. Ciranda infantil.

## RESUMEN

Este trabajo es el resultado de una investigación realizada en Ciranda Infantil de la Licenciatura en Educación Rural de la Universidad de Brasilia. Se centró en el lugar que ocupa la mujer como espacio materno / político / pedagógico. La ciranda es un espacio de cuidado lúdico y educativo. Se realizó una investigación bibliográfica sobre trabajos que discuten la educación infantil rural, sobre el tema de género en la universidad, así como sobre el origen y vivencia de la ciranda infantil en LEdoC. La metodología consistió en la observación, consulta de documentos y aplicación de un cuestionario utilizando la técnica de observación participante como forma de conocer la relación entre el tamiz y las madres. Aplicamos un cuestionario a los alumnos del curso sobre la importancia de las ciranda para la formación del profesorado.

Encontramos que ciranda promueve el espacio de atención educativa necesario para que las madres puedan desarrollar sus tareas como estudiantes universitarias. Identificamos que la ciranda afecta a toda la Facultad de Planaltina, ya que involucra a técnicos de diversos sectores, profesores y estudiantes en su mantenimiento.

Son esencialmente estudiantes y sobre todo madres universitarias que garantizan la continuidad de este espacio en una actitud de compromiso con la propia educación y con el espacio como derecho.

Palabras clave: Educación infantil rural. Género en la universidad. Formación de profesores. Infantil Ciranda.



## ABSTRACT

This work is the result of a research carried out at Ciranda Infantil of the Licenciature Course in Rural Education at the University of Brasília. It focused on the place occupied by women as a maternal/political/pedagogical space. The ciranda is a space for playful and educational care. A bibliographical research was carried out on works that discuss rural childhood education, on the issue of gender at the university, as well as on the origin and experience of the children's ciranda at LEdoC. The methodology consisted of observation, document consultation and application of a questionnaire using the participant observation technique as a way of getting to know the relationship between the sieve and the mothers. We applied a questionnaire to students on the course about the importance of ciranda for teacher training.

We found that ciranda promotes the educational care space necessary for mothers to carry out their tasks as university students. We identified that the ciranda affects the entire Faculty of Planaltina, as it involves technicians from various sectors, professors and students in its maintenance.

They are essentially students and especially university mothers who guarantee the continuity of this space in an attitude of commitment to their own education and to space as a right.

Keywords: Rural childhood education. Gender at the university. Teacher training. Children's Ciranda.

## ÍNDICE

<b>Introdução</b> .....	<b>13</b>
<b>Justificativa</b> .....	<b>15</b>
<b>CAPÍTULO 1 – Percurso Metodológico</b> .....	<b>19</b>
<b>CAPÍTULO 2 – Educação Infantil do campo</b> .....	<b>21</b>
2.1 Histórico da Educação Infantil no Campo .....	21
2.2 O Curso de Licenciatura em Educação do Campo .....	25
<b>CAPÍTULO 3 – Ciranda Infantil da LEdoC</b> .....	<b>28</b>
3.1 História da Ciranda da LedoC .....	28
3.2 A Organicidade e o Setor de Trabalho Ciranda .....	30
<b>CAPÍTULO 4 – Ser Mãe Camponesa e Universitária</b> .....	<b>35</b>
4.1 Questões de Gênero na Universidade .....	35
4.2 As Mães Camponesas Universitárias .....	39
4.3 Os Processos de Aprendizagem na Ciranda .....	42
<b>5 – Considerações Finais</b> .....	<b>51</b>
<b>6 – Referências</b> .....	<b>53</b>
<b>7 – Apêndices</b> .....	<b>55</b>

## INTRODUÇÃO

O presente estudo teve como objetivo trazer à luz a realidade vivenciada pelas mães universitárias que fazem o curso de Licenciatura em Educação do Campo-LEdoC, na Universidade de Brasília, Planaltina/DF-FUP. Na LEdoC, a criação da Ciranda Infantil veio como uma oportunidade para as mães cursarem o ensino superior. A responsabilidade de ser mãe, e ao mesmo tempo estudante torna ambas tarefas mais árduas.

O Projeto de Extensão Educação Infantil Ciranda se propõe a organizar o acolhimento das mães e crianças que frequentam o alojamento estudantil da FUP, onde está localizada uma sala para a Ciranda Infantil. O Projeto da Ciranda possibilita que mães camponesas estudem. A Ciranda da LEdoC existiu desde o início do curso, mas se transformou em um Projeto de Extensão em 2011. A partir de então foram conseguidas bolsas com o Decanato de Extensão e o Decanato de Assuntos Comunitários, até 2017, quando foram cortadas as bolsas.

Essa pesquisa mostra as dificuldades e potencialidades desta experiência. Buscamos refletir sobre a presença de mulheres camponesas dentro da universidade, em um contexto de ampliação e democratização do acesso para as classes populares durante os anos de 2007 a 2017, quando foi iniciado um retrocesso, à raiz das mudanças de governos, do golpe parlamentar contra a Presidente Dilma e eleições de 2017.

O projeto da Ciranda recebe por bimestre, até 8 crianças, de 8 meses a 4 anos, com prioridade para as crianças menores, pois são ainda muito dependentes de suas mães. Recebe até 16 crianças por semestre, 32 por ano. Os grupos de 8 crianças variam sempre, pois as crianças que superam a idade limite já não podem estar na ciranda e outras que alcançam os 8 meses, passam a poder frequentá-la. Neste sentido, é necessário observar que a ciranda não atende a todas as mães, mas àquelas que mais necessitam de apoio.

De um modo geral, a ausência de creches na universidade impõe arranjos, na maioria das vezes individuais, no cuidado de uma criança, pois as mães, ao persistirem na luta pelo estudo, buscam apoio entre familiares para alcançar sua meta.

A Educação do Campo sustenta o entendimento de que é necessário o coletivo para cuidar e educar uma criança. Portanto, a presença da Ciranda na LEdoC estabelece reflexões a respeito do papel de todos para o cuidado das crianças, da importância do coletivo de estudantes para possibilitar o funcionamento da Ciranda e sua importância para as mães camponesas. Reflete sobre como a coletividade pode expandir a tarefa de cuidar e educar retirando das mães a obrigação exclusiva. Alguns casais chegam à faculdade com seus bebês e são auxiliados pelo coletivo.

A ciranda recebeu, até 2017, apoio de estagiárias e de estudantes da LEdoC para funcionar. Atualmente, sem estagiárias, devido ao corte de verbas, a ciranda sobrevive principalmente com o trabalho dos voluntários de estudantes universitários de diversos cursos além dos da LEdoC. Com isso construímos uma experiência rica de educação, que extrapola as famílias. Na Ciranda existem pais e mães casados e separados que aprendem sobre esta experiência, renovando sua visão de gênero tradicional.

Esta pesquisa, portanto, teve como propósito conhecer a realidade das mulheres camponesas universitárias. Contamos com a colaboração, força de vontade e amor daqueles que acreditam na ciranda e seu potencial para a permanência das mães, oferecendo para as crianças uma vivência educativa e lúdica.

A Ciranda Infantil da LEdoC é um espaço político pedagógico de cuidado das crianças cujas mães necessitam de ajuda com os filhos e filhas pequenas, de 8 meses a 4 anos de idade. Nem sempre os avós, os pais ou parentes podem ficar com as crianças. Algumas mães desistem do curso porque não têm com quem deixá-las. A Ciranda Infantil, originária dos movimentos sociais do campo, representa um avanço e amparo para as mulheres que desejam estudar.

## JUSTIFICATIVA

O que me motivou na realização dessa pesquisa é o amor, a experiência e meus dias de mãe, cirandeira e voluntária.

Ao longo dos 4 anos de curso, meu setor de trabalho foi a ciranda. A Ciranda Infantil da LEdoC da UnB sempre foi um espaço de luta e amor. Em meio às dificuldades como a falta de cirandeiras e de apoio de voluntários, nós mães reunimos esforços para lutar por este espaço. Nós nos revezávamos entre os e as estudantes para atender a Ciranda diversas vezes no dia, garantindo que as outras mães pudessem permanecer em sala de aula.

Após a retirada de estagiárias, em 2017 passamos a nos revezar até de hora em hora, possibilitando a presença nas aulas, a realização de provas, a apresentação de trabalhos, dentre outras tarefas acadêmicas. Mais do que mães, nos tornamos companheiras de luta pela Ciranda. Ela nos ensinou que somos capazes de vencer qualquer batalha. Deu oportunidade para muitas de nós de estarmos em sala de aula, crescendo e aprendendo.

Ao final de meu curso, percebi que a Ciranda Infantil foi de grande crescimento para a minha filha, com novos conhecimentos, novos passos, com a convivência com outras crianças, laços de amizades e companheirismo. Para muitas crianças este foi o lugar onde elas deram os primeiros passos e pronunciaram as primeiras palavras. Esta experiência tem sido a razão da abertura da mente das crianças para um conjunto diverso de experiências.

Eu reconheço e sou grata a todos (as) que compõem a Ciranda Infantil, porque ali aprendi o verdadeiro sentido da união, do amor, da compreensão e da solidariedade. Mesmo estando cansadas, nos dispusemos a ajudar-nos, a representar a ciranda, a defendê-la, a falar sobre ela.

Este trabalho, acima de tudo, representa meu amor pelo projeto e por todo o coletivo de voluntários, mães e crianças, pois representaram um importante exemplo de esforço e colaboração que levarei para toda a vida. Passo a seguir a relatar minha

história, como parte de uma construção que chegou até o curso e permaneceu nele, até a conclusão.

Sou Eurilene Francisco de Souza, tenho 35 anos, nasci no Campo, no interior de Goiás de Guarani. Vivi em várias cidades diferentes porque meu pai era vaqueiro. No decorrer desse caminho ele trabalhou em várias fazendas. Minha vida sempre foi ligada à terra. Por esse motivo é que me senti muito motivada para estudar no Curso de Licenciatura em Educação do Campo.

Minha história de vida mostra a importância do curso para mim e minha ligação com ele. Na verdade, nunca quis desistir do campo e ir para a cidade. Essa formação acadêmica me possibilitará trabalhar em uma escola do campo e voltar para minha origem. Não tenho nenhuma relação com a cidade. Moro de aluguel para poder estudar e ganhar meu sustento. Volto para o campo, sempre que possível. Meu sonho é conseguir um pedaço de terra e minha casa para viver com minha família. O curso me preparou para isso. Para que eu possa fazer a diferença em minha vida, na minha região, no meu povo, para os meus alunos e na vida de minha família.

Tenho uma filha de 10 anos, a Gabriella, sou da turma 8 da LEdoC, a Turma Ganga Zumba<sup>1</sup> e minha área de interesse é a de Linguagens. Iniciei meu curso no segundo semestre de 2015 quando comecei a querer cursar uma faculdade. Iniciei vários cursos: administração de empresas, Recursos Humanos. Nunca consegui me formar em uma faculdade porque não tinha condições de pagar o meu curso. Tampouco tinha com quem deixar minha filha. Tinha que sustentar casa, faculdade e minha filha, além de pagar alguém para cuidar da Gabriela. Seria impossível pra mim. Pessoas que já estudavam na FUP/UnB me apresentaram o curso, eu me inscrevi no vestibular, fiz a prova e passei.

Durante o curso meu maior medo foi não ter com quem deixar minha filha. Por isso, pensei em desistir muitas vezes. Mas minha força de vontade e meu sonho eram maiores. Ingressei-me na LEdoC preparada para enfrentar o pior e ao chegar fui muito bem recebida na faculdade. E, para minha alegria, a minha filha foi bem

---

<sup>1</sup> Na LEdoC o nome das turmas é escolhido com o objetivo de homenagear personagens da história que marcaram a resistência do povo.

recepcionada dentro de uma *Ciranda Infantil*. Logo nos primeiros dias ela me acenava com suas pequenas mãozinhas, quando eu saía para a sala de aula. Desde o primeiro momento ela se adaptou sem sofrimento: “mamãe, daqui a pouco você volta, né?” Dizia.

Sou mãe solo, não recebo pensão para minha filha. Durante esses anos enfrentamos grandes desafios cotidianos. Nós duas nos tornamos a força uma da outra, nos momentos de dor e lágrimas. Se uma chorava, outra secava, e se as duas chorassem, acabávamos rindo juntas. Somos muito amigas, muito parceiras e importantes na vida uma da outra. Minha filha tornou-se a coisa mais importante da minha vida. Tinha muita dificuldade de me afastar dela, deixá-la com alguém. Quando eu ia para a roça, eu a levava. Quando eu ia pegar água, eu a levava. Eu fazia almoço no fogão a lenha com ela junto. Na casa do meu pai, fizemos um fogão com a parte do descanso das panelas bem grande para eu deixá-la sentadinha em cima enquanto eu fazia o almoço. Ela experimentava as comidas, colocando seu dedinho pequeno: “Pedacinho mamãe”, e dizia “tá uma delícia”. Ela me acompanhava em todas as partes. Não deixava minha filha nem fora do banheiro porque eu sofri abuso quando eu era criança de pessoas de dentro da minha casa. De pessoas da minha família, me causando muita dor.

Quando tive minha filha, decidi que ela não ia passar por isso. Mantenho-me vigilante e atenta para todos que se aproximam dela, minuto a minuto. Juntas vivemos grandes guerras e grandes vitórias. Procurei fazer as coisas da melhor maneira, com amor e generosidade, ampliando a possibilidade de conseguir alcançar melhores condições de vida.

É uma grande luta para alcançar aquilo que deveria ser um direito. Direito a estudar com tranquilidade, sabendo que sua filha, pequenina e frágil, está bem cuidada e protegida. Esse não é somente um descanso para estudar, é um descanso para a saúde física e espiritual. Procuro ser uma boa mãe e fazer tudo direito para que possamos conseguir aquilo que merecemos, porém sei que muitas coisas não dependem apenas de minha dedicação. Todo ser humano precisa de apoio e proteção para crescer e se desenvolver.

As mães tornam-se muito frágeis quando seus filhos são pequenos, principalmente se assumem essas tarefas sozinhas. Estão sempre cansadas, se desdobrando para seguir adiante. A LEdoC me proporcionou o acesso a esse direito, permitindo que eu pudesse estar em sala de aula, cumprindo minhas tarefas acadêmicas.

Apesar do fato que minha família é acampada na comunidade Renascer de Sobradinho, DF, há cerca de 15 anos, ainda não se tornou assentada. Eu, por não ter inscrição na terra, vim morar na cidade e viver a minha vida. Vou para lá para apoiar no trabalho agrícola. Hoje tenho minha própria família e estou estudando e buscando algo melhor para minha filha. Estou me formando no curso de Licenciatura em Educação do Campo e estou muito feliz.

O tema desta pesquisa, portanto, está totalmente conectado com minha história de vida e com minha experiência como estudante da LEdoC. Este estudo tem como objetivo analisar as condições de permanência de estudantes-mães no curso, refletindo sobre os desafios enfrentados por elas em seu percurso na graduação. A pesquisa é sobre minha história também, pois sou mulher e mãe universitária. Sou profundamente grata à oportunidade conquistada pela Educação do Campo, criada para acolher estudantes do campo, dando-lhes a oportunidade de seguir estudando e se aperfeiçoando.

A Ciranda Infantil no curso da Licenciatura em Educação do Campo na UnB é um espaço fundamental para as mães que, sabendo que seus filhos estão sob os cuidados de estudantes bolsistas, voluntárias/os ou outras mães, podem se dedicar com mais tranquilidade à tarefa do estudo.

As/os estagiárias/os ou voluntárias/os são estudantes universitários e colegas do próprio curso, ou de outros cursos, que se solidarizam e se interessam pela Ciranda infantil, por meio do Projeto de Extensão Educação Infantil, Ciranda, contribuindo para a sua permanência. A Ciranda no curso da Licenciatura em Educação do Campo é meu tema favorito e muito bem escolhido. Meu estudo trata da luta das mulheres, mães universitárias, que podem contar com a ciranda para estudar.



# CAPÍTULO 1

## PERCURSO METODOLÓGICO

O tema desta pesquisa tratou da Ciranda enquanto um espaço feminino de cuidado das crianças, mas também como um espaço de ação política das mulheres do curso, cuja tarefa foi a de trabalhar na busca de apoio para a manutenção da ciranda. Também abordou a necessidade da auto-organização das mulheres, pois sempre foi necessário garantir um intenso diálogo cotidiano para que a ciranda estivesse sempre assistida.

A pergunta deste estudo se refere, então, às aprendizagens, limites e desafios das/dos cirandeiras/os, voluntárias/os ou estagiárias/os, que atuaram naquele espaço, no percurso de sua formação. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, uma observação participante na medida em que durante a pesquisa pude, como pesquisadora, coletar vários dados, através da vivência de observação durante os períodos que ali permanecia como voluntária do curso.

Nosso intuito foi compreender os processos vivenciados pelas mães que permaneceram no curso e como este espaço pôde contribuir para a sua formação de estudantes, voluntárias/os, estagiárias/os e mães/pais da Ciranda Infantil, do curso de Licenciatura em Educação do Campo.

Como objetivo específico definimos, em primeiro lugar, a importância do registro da história da educação infantil do Campo, com base em documentos e bibliografias pesquisadas. Utilizamos as pesquisas já realizadas na Ciranda da LEdoC para formular a respeito da própria história da ciranda, que conta já com algumas monografias concluídas (SANTOS, 2013; SOEIRA, 2017; OLIVEIRA, 2018), além de artigos publicados sobre o tema e documentos sobre educação infantil do campo. Usamos também o PPP do curso de Licenciatura em Educação do Campo, que passou por uma ampla reformulação no período de 2013 a 2018. Ali estão atualizadas as informações sobre a importância e o papel da Ciranda e seu funcionamento.

Outro objetivo específico buscado pela pesquisa foi o de analisar como o projeto de extensão da ciranda contribui para a formação dos estudantes voluntários do curso da LEdoC, para isso aplicamos questionários nesses grupos. Tivemos alguma dificuldade em conseguir que os estudantes respondessem os questionários. Conseguimos coletar 15, o que nos permitiu uma aproximação ao tema.

A metodologia utilizada foi a pesquisa participante, na medida em que, enquanto pesquisadora, estive durante o curso acompanhando de perto a ciranda e atuando em seu cotidiano. Este tipo de pesquisa surgiu entre as décadas de 1960 e 1980 em alguns países da América Latina, tendo sido difundido para outros contextos. Para Brandão e Borges não existe na realidade um modelo único ou uma metodologia científica própria a todas as abordagens da pesquisa participante (BRANDÃO e BORGES, 2007).

Diferentes experiências com grupos ou comunidades populares ocorreram. Na maioria das vezes elas eram postas em prática dentro de movimentos sociais populares emergentes, espaço em que elas se originaram e foram sendo elaboradas com frequência, com diferentes fundamentos teóricos e diversos tipos de construção

de modelos com conhecimento social através da pesquisa científica. Em sua origem, a pesquisa participante nasce com um compromisso social e uma vocação popular.

De modo geral, as pesquisas participantes se juntam ao projeto envolvendo mútuas responsabilidades e supõe que a pesquisadora também tem um compromisso com o espaço, o tema e o grupo onde se desenvolve a pesquisa. Muitas vezes ocorre que os pesquisadores se beneficiam das informações de sua pesquisa e vão embora, sem trazer para o grupo pesquisado nenhuma retribuição. Considero que minha passagem pela ciranda possibilitou uma relação de mútua colaboração, reconhecimento e aprendizagem. Esta pesquisa é, portanto, o resultado destes 4 anos de convivência, e minha retribuição para a ciranda, por seu esforço coletivo para garantir um bom funcionamento, oferecendo este espaço de acolhimento.

Especificamente, foram utilizadas entrevistas com os voluntários e as mães, além do diário de campo. O diário de campo é um instrumento que, ao reunir informações do cotidiano, possibilita a releitura dos acontecimentos depois dos fatos acontecerem, auxiliando a realização de um olhar externo, mais distante, e ao mesmo tempo ligado aos acontecimentos.

Assim, o ato de ir registrando o que vai acontecendo na ciranda, permite exercer a crítica, trazendo um incentivo e uma aproximação da pesquisa. Apresenta um caráter descritivo e útil para o processo de construção e reconstrução de conhecimento, podendo envolver elementos quantitativos e qualitativos (ALZIRA BAPTISTA, LEWGOY, ARRUDA, 2009, p. 123-124, apud, BODIN, 2012).

Para Bodin (2012), o primeiro passo para obter e garantir a mudança social é preparar o povo intelectualmente, com uma cultura por eles formada, de maneira a tornarem-se conscientes de seu próprio papel como construtor do presente e de uma nova concepção de mundo. É fortalecendo a formação que se fortalece a consciência das injustiças, os caminhos das leis que garantem direitos para os trabalhadores. Através do conhecimento, elaborado pelo próprio trabalhador é que o povo pode compreender sobre sua própria história e conquistar sua liberdade de pensar e agir. A educação, nesse contexto, deve ser concebida como uma ferramenta capaz de conferir unidade entre a escola e a sociedade.

A pesquisa participante pode utilizar diversas técnicas de coleta de dados, não existindo um modelo único ou uma metodologia científica própria a todas as abordagens da pesquisa participante.

É no intervalo da comunicação entre os defensores dos modelos de objetivação da ciência (os herdeiros da tradição epistemológica da “física social” entre os cientistas da pessoa e da sociedade) e os defensores dos modelos de subjetividade do cientista (os herdeiros da tradição epistemológica das ciências do espírito, para quem o fundamento da sociedade é a ação humana e o fundamento da ação humana é a sua subjetividade) que a pesquisa científica e o cientista devem lutar (BRANDÃO,1999, p.57).

Para GERHARDT e SILVEIRA (2009, p. 32), a pesquisa qualitativa preocupa-se com aspectos da realidade que não podem ser quantificados, isto é, determinar a quantidade e/ou o valor, centrando-se, pois, na compreensão e explicação da dinâmica das relações sociais.

Na pesquisa qualitativa, segundo Flick (1956 apud Netz, 2004, p .70) e principalmente na pesquisa participante, a forma de abordar do pesquisador faz a diferença. Saber chegar, conversar, ter conhecimento sobre o que está fazendo, saber comunicar o que se pretende para a realização do estudo ajuda na coleta de dados. No caso desta pesquisa, houve um bom relacionamento com o ambiente da ciranda, onde ocorriam as atividades com as crianças e o cotidiano de cuidado e acolhimento. Neste espaço ocorriam as relações entre mães, cirandeiras e estudantes, das quais fiz parte e de onde retirei minhas observações de pesquisa. Por outro lado, aplicamos questionários em sala de aula e outra parte por via remota, devido à pandemia. Foi possível aplicar os questionários com os estudantes, mães, estagiárias/os, estudantes e voluntárias/os que atuaram na ciranda em 2019, durante as turmas 10, 11, 12 e 13 do Curso de Licenciatura em Educação do Campo.

## CAPÍTULO 2

### EDUCAÇÃO INFANTIL DO CAMPO

#### 2.1. Educação Infantil do Campo, aspectos históricos e conquistas legais.

Historicamente a educação do campo foi tratada de forma negligente pelo sistema educacional por considerá-la um espaço pouco significativo de aprendizagem, já que o trabalhador do campo não teria a necessidade de aprofundar seus estudos, considerando que as atividades produtivas realizadas no campo não demandariam conhecimentos sofisticados. Bastaria aprender a ler e escrever para ser um camponês. Essa visão vem de um entendimento urbano sobre a escola rural, acreditando que o que existe na cidade é mais valioso que o que vem do campo. Ou seja, “durante décadas as escolas rurais ou do campo estiveram subordinadas aos modelos da educação urbana. Esse modelo contribuiu para a criação de estigmas, estereótipos e preconceitos aos moradores do campo, levando-

os a um processo de desvalorização, um sentimento de inferioridade em relação aos que vivem na cidade”. (Pacheco, et al<sup>2</sup> (s/d)p.3, 2008)

Para transformar essa realidade, com a luta dos movimentos sociais do campo pelo reconhecimento do campo como um espaço de vida e produção da cultura camponesa, cresceu o entendimento de que as escolas do campo devem ser oferecidas em todos os níveis e modalidades, com qualidade, sendo também necessário que ela esteja próxima às comunidades camponesas.

Esse esforço coletivo que envolveu instituições públicas, universidades e movimentos sociais, buscou superar o longo e profundo abandono dos diversos tipos de populações camponesas, indígenas e outros, arraigadas a uma imensa diversidade de formas de produção, que caracterizam o campo, constituído por mais de 30 milhões de brasileiros<sup>3</sup>.

Foi com a Constituição Brasileira de 1988 que se conquistou o direito de educação para todos, a ser garantido pelo Estado e pela sociedade. Apesar de não haver um artigo específico na Constituição Federal referindo-se à educação do/no campo, o artigo Artigo 208 § 1º defende que “o acesso ao ensino obrigatório e gratuito é direito público subjetivo.”

O Artigo 206 reforça a ideia educação como um direito de todos prescrevendo que “(...) deverá haver igualdade de condições para o acesso e permanência na escola”. Isso implica que é necessário não somente dar oportunidade de estudo para toda a

---

<sup>2</sup> PACHECO Adriana; SILVA Cléria Paula Franco da; PASUCH Jaqueline. A educação infantil do campo na perspectiva da valorização da criança enquanto sujeito do campo. GRUPECI, UFG, s/d.

<sup>3</sup>Nas décadas de 1970 e 1980 o Brasil sofreu um intenso processo de êxodo rural. A mecanização da produção agrícola expulsou trabalhadores do campo que se deslocaram para as cidades em busca de oportunidades de trabalho. Hoje, o deslocamento do campo para a cidade continua, porém, em percentuais menores. De acordo com dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) 2015 a maior parte da população brasileira, 84,72%, vive em áreas urbanas. Já 15,28% dos brasileiros vivem em áreas rurais. Segundo o IBGE, atualmente a população brasileira está estimada em 210 milhões de pessoas. <https://educa.ibge.gov.br/jovens/conheca-o-brasil/populacao/18313-populacao-rural-e-urbana.html>, acesso 01/02/2020.

população, indistintamente, mas também, possibilitar as condições para sua permanência e conclusão, para aqueles que dela necessitam.

Posteriormente, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional 9394/96, em 1996, regulamenta a Constituição Federal no âmbito da Educação. Com a LDB, a singularidade do campo passa a ser visualizado no país. Criam-se vários instrumentos legais para orientar o atendimento à educação no meio rural ficando suas especificidades definidas nos artigos 23, 26 e 28, que tratam tanto das questões de organização escolar como de questões pedagógicas.

Após a LDB, foi somente em 2002 que foram homologadas as Diretrizes Operacionais da Educação Básica para as Escolas do Campo (BRASIL, 2002), que representam uma grande conquista para as escolas do campo, pois, abrem caminhos para sua valorização, viabilizando demandas das comunidades rurais de agricultores familiares, assentados da reforma agrária, quilombolas, extrativista, ribeirinhos e outros, que compõem a diversidade camponesa.

Até então a educação infantil do campo, incluída na LDB como parte da Educação Básica, não tinha uma orientação específica. Em 2006, com a aprovação da Lei nº11.274, de 6 de fevereiro de 2006 (BRASIL, 2006), foi ampliado o ensino fundamental para nove anos de duração. As crianças de 6 anos passaram a ser incluídas no primeiro ano do Ensino Fundamental, primeiro ciclo. Com isso, ampliou-se a demanda de escolas obrigatórias nas cidades e no campo.

Em abril de 2013, a Lei n. 12796, altera a Lei nº 9394, trazendo no art. 4º a obrigatoriedade e a gratuidade da educação básica dos 4 aos 17 anos de idade, e no artigo 30 os locais de oferta da educação infantil: 'I- creches, ou entidades equivalentes, para crianças de até três anos de idade; II- pré-escolas, para crianças de 4(quatro) a 5 (cinco) anos de idade (BRASIL, 1996)'. Ao tratar dos princípios da base de ensino, traz no art. 3º, inciso XII, a inclusão da diversidade étnico-racial e os alunos anteriormente denominados 'educandos com necessidades especiais' agora são intitulados como 'educandos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades ou superdotação, garantindo-lhe a ampliação do atendimento educacional especializado e gratuito (SILVA, 2011 *apud* SOPRANI; SOPRANI, 2016, p. 38).

A ampliação da faixa-etária de escolarização obrigatória gratuita, compreende as crianças de quatro aos dezessete anos, organizada em pré-escola, ensino fundamental e médio e estabeleceu também que o acesso à educação básica obrigatória é direito público subjetivo, sendo possível que os cidadãos façam uso do Poder Público para exigí-la, quando necessário, sendo dever dos pais efetuar a matrícula de seus filhos na educação básica a partir dos quatro anos de idade, segundo os Artigos 4º, 5º, 6º (BRASIL, 2013).

Cabe às populações do campo pressionar para que a lei seja cumprida. Quando se trata de crianças bem pequenas, é necessário que esta permaneça, sempre que possível, ao lado e sob a proteção dos pais. E por esta razão a escola deve estar próxima ao lugar em que a família se encontra. Para as famílias que participam de movimentos sociais, não importa onde, as crianças permanecem junto a eles, e ali será necessária a criação de uma escola.

As famílias que vivem no campo ou em estreita ligação com ele, não vivem uma vida amena, em harmonia com a natureza, como alguns podem imaginar. A falta de acesso aos mais diversos serviços dificulta a vida cotidiana e as crianças sofrem essas limitações, juntamente com seus pais. Muitas vezes, ainda pequenas, acompanham os pais tanto nas situações de trabalho como de luta.

A educação do campo é uma área de conhecimento que aborda as especificidades vivenciadas pelas crianças das regiões rurais, sobre seu modo de produção da vida, sua cultura, suas relações sociais, e organização social. Ainda que se possa falar de aspectos semelhantes entre crianças do campo e da cidade, não é possível negligenciar as particularidades existentes nas formas de produção da vida do campo.

Não cabe mais a reprodução da velha educação rural, essencialmente representada pela perspectiva de esvaziamento da vida camponesa por meio da expropriação de agricultores ou pela suposta inutilidade da escola rural para o campo. Assim, a educação do campo se estabeleceu como uma força que defende a vida camponesa e com isso, uma alternativa pedagógica, curricular e de organização do trabalho pedagógico para as escolas. Em muitas comunidades a escola cresceu, resgatando



as formas de produção e reprodução da vida no campo como eixo da formação humana e profissional de educadores do campo (WOLFF, 2018).

A Ciranda Infantil, neste sentido, se insere no curso como um recurso específico de acesso e permanência, mediado pela experiência de vida das classes populares, que chegam à vida acadêmica. A Ciranda Infantil atende crianças de 8 meses a 4 anos e se caracteriza como uma experiência pedagógica que tem também um papel formador (WOLFF, 2018).

Segundo Wolff (2018), existe um trabalho coletivo que busca garantir a permanência das mulheres na universidade, sem o qual muitas não poderiam permanecer no curso de Licenciatura em Educação do Campo da UnB. A Ciranda infantil é uma das formas de possibilitar o acesso a seus direitos, na ausência da creche universitária.

As Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil – DCNEI destacam a oferta de educação infantil do/no campo e define, em seu § 5º do Art. 5º a que as vagas de creche e pré-escola devem ser oferecidas próximas à residência das crianças (BRASIL, 2009b). Assim a educação infantil do campo deve estar inserida onde vivem as crianças e sua proposta pedagógica deve ser voltada para o sujeito-criança do campo, considerando a realidade local e o modo de vida da comunidade. O que se institui a partir das Diretrizes Operacionais para a Educação Básica nas Escolas do Campo (BRASIL, 2002) se ratifica com as diretrizes complementares, evitando processos de nucleação de escolas e de deslocamento de crianças para a cidade (BRASIL, 2008),

## 2.2. A Licenciatura em Educação do Campo na UnB

A Educação do Campo é resultado da luta dos movimentos sociais em defesa dos direitos e está vinculada diretamente “à concepção de educação advinda das experiências educacionais de iniciativa dos próprios movimentos sociais e que orientam sua luta por políticas públicas” (SANTOS, p. 14). Neste sentido, a

conquista do curso da Licenciatura em Educação do Campo, é sem dúvida reparação de séculos de negligência com relação aos povos do campo.

A Licenciatura em Educação do Campo (LEdoC) é um curso regular da Universidade de Brasília (UnB) e se realiza no sistema de alternância, subdividindo-se em TC, Tempo Comunidade, e TU, Tempo Universidade. Neste aspecto, a LedoC

tem como objetivo formar professores e educadores para as escolas do campo e surgiu de lutas de movimentos populares. A matriz curricular propõe uma estratégia interdisciplinar e multidisciplinar de trabalho docente, organizando os componentes curriculares em três áreas de conhecimento (com ênfase em Ciências da Natureza, Matemática e Linguagens). Anualmente são oferecidas 60 vagas, para alunos que residam no campo, e pertençam aos estados de Goiás, Minas Gerais e DF/Entorno. O curso tem um público-alvo bem específico: moradores ou trabalhadores do campo que queiram trabalhar ou já trabalham como educadores nas séries finais do Ensino Fundamental e no Ensino Médio, na gestão escolar ou comunitária (SANTOS, 2015, p. 32).

A LEdoC tem como objetivo formar professores para as escolas do campo em um desafio a ser superado pelas políticas públicas. A Educação do Campo ainda é negligenciada pelo poder público, apesar das lutas é um curso que trabalha pensando no agricultor, na dona de casa e na mulher camponesa. Assim, possui caráter de ação afirmativa, pois objetiva diminuir a desigualdade histórica de acesso à educação dos povos do campo.

Um dos objetivos da proposta pedagógica é manter os estudantes no meio em que vivem, mesmo durante a graduação. Por isso, desde o primeiro semestre, os educandos alternam o aprendizado entre a universidade e a vida na comunidade. As etapas do curso estão formadas por um TU (Tempo Universidade), e um TC (Tempo Comunidade). O TU contempla a execução de atividades pedagógicas que buscam levar em conta a interdisciplinaridade, a questão ambiental, econômica, social e educativa da realidade do campo. A compreensão e o desenvolvimento da

comunidade são a centralidade das ações pedagógicas do curso. TC e TU formam um todo, articulado, entre teoria e prática (SANTOS, 2015, p. 33).

O Tempo Universidade (TU) dura aproximadamente 2 meses, durante o qual são realizados estudos que buscam a relação entre teoria e prática. No Tempo Comunidade (TC) os educandos desenvolvem ações resultantes do planejamento de TU como estágio, trabalhos, seminários, grupos teatrais etc.

No TU, os estudantes têm a possibilidade de práticas constantes de reflexão sobre ensino/aprendizagem para além da sala de aula. Uma vez além da rotina acadêmica, a convivência no alojamento possibilita o convívio com pessoas de culturas e realidades diferentes, culminando na relação de respeito mútuo, trabalho coletivo e solidário. Outro fator importante no alojamento é o espaço da Ciranda Infantil, uma vez que a presença constante das crianças exercita nos estudantes o olhar pedagógico e o cuidado.

Desde a primeira etapa do curso os estudantes são distribuídos em grupos e setores de trabalho para organização e auto organização dos processos e da rotina da etapa, o que aprofundaremos a seguir.

## CAPÍTULO 3

### CIRANDA INFANTIL DA LEDOC

#### 3.1. História da Ciranda da LEdoC.

A Ciranda infantil é um espaço educativo criado pelo Movimento Sem-Terra (MST). Para o Movimento, a participação das mulheres nos diferentes setores e instâncias é essencial (MORISSAWA, 2001, P. 211). Diante disso, para garantir direitos iguais entre homens e mulheres, foi organizado o setor de trabalho da Ciranda, visando garantir a participação das mulheres nas tomadas de decisões. O nome Ciranda foi escolhido porque remete à cultura popular presente nas danças, brincadeiras e cantigas de roda.

Em 1997 em uma reunião de coletivo Nacional do MST o coletivo já organizado continha a primeira Ciranda Itinerante. Neste contexto, foram definidos dois tipos de ciranda: a permanente e a Itinerante. A permanente para o momento de construção,

plântio etc. Já a itinerante para os momentos de lutas e ocupações para que as crianças não perdessem o foco do aprendizado e ao mesmo tempo, as mães pudessem participar das decisões políticas na luta pela terra. Neste contexto, ao mesmo tempo que permitia a participação das mulheres nas atividades nos acampamentos, assentamentos e ocupações, as crianças eram inseridas nos processos de aprendizagem graças às atividades pedagógicas, bem como atividades cotidianas que permeiam a luta pela terra.

Inspirada na experiência do MST, a LEdoC implementou em seu Projeto Político Pedagógico, a ciranda infantil, para dar suporte aos estudantes, em especial as mães que não tem com quem deixar as crianças durante o TU.

Por meio de um espaço recreativo, coletivo e solidário, desde a primeira etapa da Turma 2 da LEdoC em 2009, foi possível acolher as crianças. Neste período, a ciranda acolhia crianças de 1 a 6 anos. Atualmente a ciranda acolhe crianças entre 06 meses a 3 anos de idade, uma vez que aos 4 anos ingressam na educação escolar.

Inicialmente, as etapas das primeiras turmas da LEdoC ocorriam na Chácara Irmão Sol, já que na FUP não havia estrutura para receber os estudantes em regime de alternância.

Com a institucionalização do curso os estudantes foram alojados em casas alugadas próximo ao *Campus*, na Vila Nossa Senhora de Fátima. Neste processo, a ciranda passou a funcionar no alojamento, o que acarretou na sobrecarga de trabalhos para as cirandeiras, já que as atividades acadêmicas se estendiam até a noite, e assim,

A Ciranda continuava a funcionar durante todo dia e pela noite crianças e cirandeiras ficavam juntas durante uma jornada bastante extensa de trabalho. Isso era necessário, porém, aos poucos nas etapas seguintes, buscou-se a ampliação do número de cirandeiras, a fim de adaptar a Ciranda Infantil ao ritmo do curso (SANTOS, 2015, p. 44)

Diante da diversidade de estudantes da LEdoC, inicialmente muitos não conheciam a proposta da ciranda e paralelo a isso, não a aceitavam como parte pedagógica do curso. A entendiam como “problema” das mães e cirandeiras. Gradativamente a ciranda foi inserida na rotina acadêmica, graças à participação das crianças e cirandeiras nos momentos de mística, na Semana Universitária e nos diversos espaços propícios à sensibilização e diálogo.

Após muita reivindicação dos estudantes, principalmente das primeiras turmas, a LEdoC finalmente pôde conquistar espaço no alojamento e paralelo a isso, a Ciranda de constitui como Projeto de Extensão, culminando na conquista de espaço organizado para acolher as crianças, o que possibilitou desenvolver as atividades pedagógicas de forma mais organizada, por meio da utilização dos diversos espaços como quadra e parquinho e especialmente muito contato com natureza, já que o alojamento fica localizado em área de cerrado preservado.

### 3.2. A Organicidade e o Setor de Trabalho Ciranda

Conforme mencionado anteriormente o curso possui o Tempo Organicidade que suscita nos estudantes a gestão coletiva dos vários momentos educativos da LEdoC. Assim, os mesmos são estimulados a exercer a autonomia nas tomadas de decisões. A divisão dos estudantes por Grupos de Organicidade (GO`s) incentiva o trabalho coletivo, já que esse momento permite sua participação desde grupos de estudos até demandar e decidir o direcionamento do curso por meio da participação na Comissão Político-Pedagógica (CPP). Outro fator importante dos GO`s é a formação do estudante em processos de gestão que permite ao estudante atuar nos espaços coletivos em sua comunidade ou escola.

Os GO`s são subgrupos das turmas destinadas a realizar tarefas de gestão coletiva do curso, exercitando a autonomia dos educandos. Além de ser a base de organização do coletivo, é também espaço de trabalho e estudo, e possibilita a criação de laços afetivos.

Nos GOs os estudantes podem identificar problemas e coletivamente buscar soluções que podem ser encaminhadas para as instâncias seguintes quando forem relacionadas a questões do curso como um todo. É tarefa do GO, segundo escala definida: Coordenar as atividades do dia (garantir a memória do dia, a mística, e os tempos educativos).

Os GO's coordenam diariamente a etapa garantindo o registro dos principais acontecimentos, o que também é chamado de memória, os GO's também tem como momento educativo a realização da mística e a responsabilidade de exercer e organizar o funcionamento dos outros tempos educativos.

Na perspectiva da universidade como espaço de formação humana, várias dimensões da vida permanecem presentes durante o curso. Neste contexto, existem os Setores de Trabalho com o intuito de estimular nos estudantes o exercício da solidariedade e do cuidado com o outro. Dentre os Setores de Trabalho existe o da Ciranda em que os estudantes participam tanto no cuidado das crianças quanto no planejamento das atividades pedagógicas, bem como a limpeza dos brinquedos e limpeza da Ciranda.

O Setor de Trabalho da Ciranda dá apoio às cirandeiras, mães e crianças. Neste contexto, este grupo tem como finalidade, contribuir com a organização da Ciranda, auxiliar as mães que precisam levar as crianças menores para a sala de aula. Participam das reuniões de planejamentos e avaliação da Ciranda com o intuito de estarem inseridos na rotina da mesma e das crianças. O setor de trabalho da Ciranda tem um papel fundamental em contribuir para acolher as crianças e sensibilizar a turma e também à própria universidade sobre a importância da presença das mesmas naquele espaço.

A ciranda é um projeto de extensão pensado e organizado para receber as crianças da LEdoC. São as professoras Eliete, Osanette, Elizana juntamente com os demais professores que contribuem para o crescimento e permanência da ciranda. Contamos também com a colaboração das cirandeiras, mães e voluntários para ajudar na organicidade, nos trabalhos pedagógicos, no cuidado com as crianças, no cuidado para que o ambiente não tenha muitas diferenças com o ambiente de costume de cada criança.

Conforme já mencionado, a organicidade, como um todo, tem como objetivo capacitar para a gestão de processos escolares e comunitários presente no currículo. Ao oferecer a oportunidade de experienciar diversas funções nos Grupos de Organicidade (GOs), há também o Tempo Trabalho, em que mais uma vez a turma é subdividida em grupos e assim compõem os Setores de Trabalho (ST's).

O Tempo Trabalho é o momento em que os estudantes, durante 1 hora por dia, desenvolvem tarefas e serviços necessários ao funcionamento do curso. É realizado pela vinculação de cada estudante a um dos Setores de Trabalho, e tem um coordenador escolhido pelos estudantes. Assim exercitam o princípio de solidariedade e cuidado com o outro, gerindo o próprio espaço de convivência.

Os Setores de Trabalho ST's, são conforme afirma a Projeto Metodológico (PROMET, 2015, *mimeo*)

É à base de organização do trabalho, compreendido como dimensão formativa do educador. A universidade não é apenas lugar de estudo, mas de formação humana e, assim, as várias dimensões da vida devem estar presentes no processo formativo. O trabalho tem como objetivo proporcionar aos estudantes oportunidade de tomar parte na manutenção das condições materiais da vivência coletiva

Dentre os Setores de Trabalho estão:

- **Comunicação, cultura, esporte:** que tem como responsabilidade organizar o tempo cultura propondo atividades e providenciando as condições para sua realização; mantém os murais atualizados com informações sobre o dia-a-dia da etapa (trabalhos a serem realizados para os componentes, prazos, orientações). Propõe e organiza atividades de lazer e festivas, tomando as providências necessárias para sua realização. Pode se articular com o setor de análise de conjuntura.
- **Análise de conjuntura:** É responsável por elaborar e organizar a programação de debates sobre a atualidade e articula com o setor de Comunicação, cultura e esporte as atividades culturais e de lazer.
- **Secretaria:** tem a tarefa de reprodução de materiais para os professores, organização das memórias da turma, articulação com a equipe de secretaria



do Curso. Realiza a chamada, registrando as presenças e ausências. Encaminha a frequência da turma à Secretaria da LEdoC ao final de cada etapa. Tem também a função de arquivar fotos e vídeos para a memória da turma.

- **Limpeza dos quartos:** é de total responsabilidade dos estudantes do quarto, em que devem se organizar para mantê-lo limpo diariamente. Não é um setor de trabalho, mas, uma obrigação de todos.
- **Coordenação da Turma – CT:** são representantes da turma, eleitos pela mesma, que formam uma equipe de coordenação (dois homens e duas mulheres). Sua tarefa é representar seu grupo na FUP, ou em qualquer outra instância, acompanhar os grupos de organicidade no cumprimento de suas tarefas, conduzir as plenárias, trazer informes para a turma.
- **Coordenação Político-Pedagógica – CPP:** reúne semanalmente a equipe de coordenação pedagógica do curso, composta por docentes da UnB, além dos representantes da turma, para tratar do planejamento e re-planejamento pedagógico da etapa.
- **Plenária da Turma:** é um espaço que reúne todos os estudantes para momentos de avaliação, reflexão e tomada de decisões a respeito do curso, das relações interpessoais e questões da organicidade.
- **Saúde:** organiza uma farmácia com uso de plantas naturais do conhecimento popular por meio da elaboração de chás de ervas naturais que contribuam para o bem-estar dos estudantes (gripe, estimulante, digestivo, etc.) e controla o uso dos medicamentos e materiais disponíveis. Atende aos estudantes quando necessário, inclusive à noite. Mantém contato com o atendimento psicológico e a enfermagem da FUP, e encaminha os estudantes até lá, quando necessário. Pode criar ou cuidar de uma horta de ervas.
- **Ciranda: Cuidado com as crianças** - participa das atividades da ciranda, tanto no cuidado das crianças quanto na elaboração de atividades pedagógicas.
- **Limpeza dos brinquedos.** Garante a limpeza dos brinquedos utilizados pelas crianças uma vez ao dia.
- **Limpeza da ciranda:** Garante a higiene do espaço da ciranda; Faz escala para auxiliar as mães fora do horário de aula (manhã, meio dia e noite);

Os ST's que desenvolvem o tempo trabalho na Ciranda Infantil, são fundamentais para garantir o funcionamento da mesma, e ao mesmo tempo, ensinam e aprendem com o convívio com as crianças. Neste contexto, a organização metodológica da LEdoC cumpre os princípios do trabalho coletivo, e assim, o trabalho como princípio educativo.

## CAPÍTULO 4

### SER MÃE CAMPONESA E UNIVERSITÁRIA

#### 4.1. Questões de gênero na Universidade

A desigualdade entre homens e mulheres há muito tempo vem sendo debatida por diversos setores da sociedade, porém, ainda há muito o que debater, uma vez que historicamente a história das mulheres é calcada na opressão e na subalternidade.

Nas comunidades primitivas era comum que os homens saíssem para caçar e as mulheres cuidavam, coletivamente das crianças e do alimento, ou seja, toda a comunidade era responsável pelas tarefas.

(...) nas sociedades em que os homens eram responsáveis por caçar animais selvagens e as mulheres, por colher legumes e frutas, os dois sexos tinham incumbências econômicas igualmente essenciais à sobrevivência de sua comunidade. Uma vez que, durante esses períodos, a comunidade era basicamente

uma família estendida, o papel central das mulheres nas questões domésticas significava que elas eram adequadamente valorizadas e respeitadas como membros produtivos da comunidade. (DAVIS, 2016, p. 231)

Tanto na Idade Antiga quanto na Idade Média é escassa a história sobre a condição feminina. Porém, é possível constatar que o trabalho das mulheres não rompia o ambiente domiciliar, no cuidado da casa e dos filhos e no tocante à mulher camponesa, esta desempenhava dupla jornada de trabalho, pois além do trabalho nas atividades da agricultura, eram responsáveis pelas tarefas do lar. Conforme afirma NOGUEIRA (2004, p.6) “(...) eram as mulheres dos camponeses e servos aquelas que mais trabalhavam, pois, além de atuarem com seus maridos nas atividades da agricultura também eram responsáveis pelas tarefas domésticas.”

Na Idade Moderna, entre os séculos XVI e XVIII, expande-se a ocupação das mulheres em outros postos de trabalho como vendedoras ambulantes, amas e lavadeiras. Já no setor produtivo as mulheres “laboravam no ramo da seda, das rendas, das roupas, dos tecidos e das chitas, das ferragens, da olaria e dos objetos de metal.” (NOGUEIRA, 2004, p. 7) e para não desistir do emprego quando este chocava com o cuidado dos filhos, dependendo das circunstâncias econômicas familiares, as mães preferiam entregar as crianças às amas de leite.

O período que antecedeu a Revolução Industrial foi acentuado pelas desigualdades de classes e por grandes mudanças econômicas, políticas, culturais e religiosas que modificaram profundamente as relações entre homens e mulheres. Com relação às diferenças de classe, NOGUEIRA (2004) afirma que:

As mulheres que pertenciam principalmente às “classes abastadas” não só reivindicavam sua liberdade para o uso da sua “razão” (enquanto pensamento crítico), como também o seu espaço no mundo das reflexões políticas, filosóficas e científicas. Já as mulheres que pertenciam às classes subalternas usavam como prerrogativa da “liberdade” de pensamento, na maioria das vezes, a sua inserção na marginalidade, cujas funções sociais eram reservadas às prostitutas, criminosas, feiticeiras e amotinadoras; esta última função, a de amotinadora, talvez tivesse sido uma das principais formas de luta pela emancipação feminina. (op. cit., p.7)

Na Idade Moderna, a partir da consolidação da burguesia e do início da Revolução Industrial, ocorreu a migração campo-cidade que resultou no surgimento do proletariado feminino. Porém, diante do preconceito dos homens, muitas não ingressavam no trabalho nas fábricas e conseqüentemente retornavam ao trabalho domiciliar em casas de outras mulheres que tinham melhores condições financeiras.

No século XIX ocorreu, causado pela Revolução Industrial, um monumental desenvolvimento tecnológico voltado para a produção de mercadorias e acumulação de capital. Neste contexto, intensifica-se a inserção feminina no mundo do trabalho. Porém, de forma excludente, uma vez que a mulher ingressava no trabalho assalariado por curtos períodos da vida, já que quando casavam ou tinham filhos eram obrigadas a abandonar o trabalho. Diante disso, é possível concluir que a realidade de obrigações maternais e domésticas acarretou na impossibilidade de dedicação profissional resultando na ocupação das mulheres em subempregos de baixa remuneração e especialização.

No Brasil, a participação das mulheres no mercado de trabalho deu-se de forma crescente entre as décadas de 20 e 80, porém em posições não qualificadas, com condições de trabalho precárias e mal remuneradas. A partir da década de 1950, a intensificação da acumulação industrial se intensifica após o Golpe de 64, com o progressivo rebaixamento salarial dos trabalhadores.

Com relação ao direito a acessar ao ensino, após à Independência e com a vinda da Família Real Portuguesa em 1822, pela primeira vez foi pauta a preocupação com a educação feminina e assim, as meninas também poderiam frequentar as aulas, sob a exigência de que o ensino fosse responsabilidade do Estado e conduzido por professora. Porém, o ensino não conseguiu abranger quantidade significativa de alunas uma vez que não havia professoras qualificadas suficientes.

Diante de revoltas populares e protestos as mulheres gradativamente constituíram direitos e hoje, já ocupam vários espaços de poder e decisão nos diversos segmentos da sociedade e não mais tem o trabalho doméstico como única alternativa. Neste contexto, nos últimos 10 anos é notável o crescimento do número

de mulheres profissionais, estudantes e técnicas, nos quadros das universidades brasileiras. Porém, o número de mulheres chefiando as instituições federais de ensino superior ainda está aquém da realidade, ou seja,

Embora as mulheres sejam maioria no corpo estudantil e técnico-administrativo e estejam bem representadas enquanto docentes e pesquisadoras, quando de fala em sinais de prestígio - como cargos de poder -, a situação muda.” (HOLLANDA, 2018, p. 209)

A presença das mulheres na universidade gerou a necessidade de desenvolver trabalhos acadêmicos para evidenciar as diferenças entre os gêneros e sobre Feminismo. Isso inclui trabalhos que apresentam pautas importantes, a partir de questões abordadas desde a violência contra a mulher, saúde reprodutiva, ou o feminino nas artes conforme afirma HOLLANDA (2018, p. 207-208)

“(…) É importante observar que essas discussões se dão não apenas nos cursos em que o debate sobre gênero e feminismo está presente há bastante tempo, como letras e ciências sociais, mas também em áreas como turismo, teologia, arquitetura e urbanismo, geografia e ciências da computação.”

As mulheres passaram a se organizar para realizar espaços de pesquisa por meio da realização de seminários, simpósios e colóquios nacionais e internacionais, reunindo pesquisadores, professores e estudantes para discutir gênero. Um dos encontros pioneiros foi o Seminário Internacional Fazendo Gênero, realizado em 1983. Atualmente, as discussões sobre gênero estão presentes nos movimentos estudantis, sobretudo nos coletivos femininos, e estes, estão mais atentos às manifestações de racismo, assédios, homofobia e misoginia. Porém, as particularidades e necessidades das mulheres camponesas não estão inclusas em muitas pautas mencionadas anteriormente.

Os direitos das mulheres adquiridos por meio de muitas lutas, a partir de 2016 com a desestabilização política que tirou Dilma Rousseff da presidência, sofreram retrocessos desarticuladores do acesso às políticas públicas para as mulheres, conforme afirma HOLLANDA “(...) o Conselho Nacional dos Direitos da Mulher passou por uma fase de desmantelamento e perdeu, num retrocesso lamentável, seu status de ministério (2018 op.cit).

Mesmo diante dos retrocessos sociais vividos pelas mulheres e principalmente pelas mulheres do campo, a presença das mães/camponesas/universitárias da LEdoC, sem dúvida contribuiu para repensar o espaço acadêmico, pois diante da presença delas, suas demandas foram aos poucos sendo contempladas pelas diretrizes da FUP/UnB. Isso é constatado com a construção do alojamento e nele um espaço dedicado à Ciranda Infantil e a inserção da alimentação das crianças e cirandeiras no Restaurante Universitário.

Porém, nem sempre foi assim, já que se já era difícil aceitar a mulher na universidade, uma turma de camponeses, mulheres afrodescendentes ou não, grávidas ou com crianças de colo de 0 a 4 anos. Mulheres batalhadoras, com apenas um objetivo de lutar por espaço que já é seu e, infelizmente, através da desigualdade entramos em conflitos criados por falta de conhecimento e solidariedade entre os estudantes de outras turmas. Como experiência própria, presenciei muitos ocorridos preconceituosos nos corredores da faculdade. Se as mulheres urbanas enfrentam dificuldades de se inserirem e permanecerem no ensino superior, mais difícil ainda é para a mulher camponesa. Uma vez que a mesma, ao ingressar no ensino superior, com filho pequeno, não lhe resta opção, a não ser levar a criança consigo para a universidade. É o que ocorre com as mulheres estudantes da LEdoC.

#### 4.2. As Mães Camponesas Universitárias na LEdoC

Conforme mencionado anteriormente, o preconceito, a resistência e o machismo impediam as mulheres de terem acesso a uma educação mais universalizada. Começa-se então o grande desafio e a luta para que ela comece a ocupar vários postos de trabalho em diferentes áreas do conhecimento. É só a partir do início da

década de 1930 é que mais efetivamente a mulher vai começar a ocupar esse espaço adquirindo o direito de votar e ser votada, em todos os âmbitos da política brasileira.

A educação possibilita à mulher uma visão mais abrangente de sua inserção no mundo. É com muito esforço que grupos de mulheres começam a se organizar e a lutar pelos seus direitos de ingressarem em uma faculdade. (MELLO, 2000).

Isso demonstra que, em um século, a mulher percorreu um longo caminho, mas ainda há muitos caminhos a serem percorridos. A mulher em sua trajetória histórica lutou muito pelo direito à educação superior. Nesse sentido, muitas lutas foram vencidas, mas mesmo assim a mulher tem jornada dupla ou tripla de trabalho, em casa, na escola, na faculdade. E para a mulher camponesa recém ingressada na LEdoC, esta jornada exaustiva não é diferente, uma vez que precisa ter sua atenção dividida entre o cuidado com a criança, bem como concentrar e executar as atividades acadêmicas.

Além dos conflitos enfrentados por muitas mulheres no ambiente doméstico, a chegada das mulheres que são mães acompanhadas de crianças na Universidade de Brasília é arraigada de olhares curiosos e preconceituosos diante da diversidade de sujeitos que o curso acolhe. Ao mesmo tempo, tanto para as mães quanto para as crianças, é momento de muita insegurança.

As mães camponesas universitárias da LEdoC/UnB, trazem do seu cotidiano, muita dedicação e resistência, em que além das tarefas domésticas, muitas são docentes e realizam também, tarefas na agricultura familiar. Já que são elas: acampadas e assentadas da Reforma Agrária e quilombolas. Neste cenário, a Educação do Campo torna-se pioneira em respeitar e valorizar a diversidade camponesa uma vez que

O curso de Licenciatura em Educação do Campo LEdoC, enquanto proposta de atendimento e formação para as populações do campo, busca oferecer aos seus estudantes as condições adequadas para que possam permanecer alojados durante o Tempo Universidade. Em muitos casos são mães estudantes que não podem deixar seus filhos, ou por serem pequenos, ou porque não existem condições de



deixá-los na comunidade. Inspiradas na tradição dos movimentos sociais, de incorporar a mães, juntamente com seus filhos nas tarefas coletivas, alguns professores do curso, com o apoio da direção da Faculdade, implementaram, através de um projeto de extensão, uma sala de acolhimento para as crianças enquanto as mães estão em aula (SANTOS, 2015, p. 38).

Prova disso é a criação da Ciranda Infantil, que se tornou elemento fundamental na contribuição para a formação acadêmica das mães, respeitando a diversidade de conhecimentos empíricos trazidos do meio onde vivem.

De acordo com Faustino (2014), é necessário criar espaços onde as mães possam deixar seus filhos. Na faculdade, para que possam ficar e assim se dedicarem melhor à sua formação acadêmica, esses espaços devem chamar atenção da criança, ser algo onde a criança não diferencia tanto com seu espaço urbano onde ela vive, um espaço amplo onde favoreça necessidades de uma criança que vive no meio urbano, algo confortável que favoreça qualidade de vida aos trabalhos pedagógicos para o desenvolvimento e aprendizagem.

Muitas estudantes da LEdoC ingressam juntamente com seus companheiros, porém, ao chegar no ambiente universitário, observa-se que a maioria dos estudantes (pais) reproduzem sua vivência doméstica, ou seja, não dividem a responsabilidade do cuidado das crianças. Este comportamento nos remete a como “as tradições e culturas de origem de nossos pais e avós frequentemente são parte importante de nossa constituição enquanto sujeitos e de nossos modos de nos relacionar com o mundo.”(HOLLANDA, 2018, p. 334).

Para contrapor esta situação, a ciranda acolhe esses pais e os estimula a participar igualmente da rotina da ciranda e das crianças, bem como, o leva a cuidar das crianças, não somente da sua. Portanto, a Ciranda Infantil da LEdoC desmistifica o conceito de que a mulher deve ser a única cuidadora dos filhos. Fica evidente, portanto, que a Ciranda Infantil constitui-se como um processo em constante construção.

### 4.3. Os processos de aprendizagem na Ciranda

Os processos vivenciados na ciranda infantil na universidade UnB Planaltina (FUP) se assemelham a uma ação coletiva comunitária onde seus integrantes se organizam para que as crianças possam ser acolhidas e sua gestão e sustentabilidade é necessária para garantir a existência do sonho de outras mulheres, mães, de estudar. É um espaço de acolhimento em que as práticas pedagógicas se dão por meio da construção de relações horizontais, baseada no diálogo. E ainda que tenha se tornado projeto de extensão, sua construção é dinâmica e permanente, uma vez que a cada etapa de TU, novos sujeitos são inseridos na rotina da Ciranda, sejam mães, crianças ou voluntários. Ou seja, constitui e fortalece relações de solidariedade e afeto. Neste contexto, os sujeitos envolvidos na ciranda da LEdoC evidenciam que

O que se opõe ao descuido e ao descaso é o cuidado. Cuidar é mais que um ato; é uma atitude. Portanto, abrange mais que um momento de atenção, de zelo e de desvelo. Representa uma atitude de ocupação, preocupação, de responsabilização e de envolvimento afetivo com o outro. (BOFF, p. 12, 1999).”

Portanto, a Ciranda é espaço de aprendizado constante, lugar onde a coletividade, a solidariedade e acima de tudo, a infância em todo o seu contexto fundamental acontece. Para refletir sobre as contribuições da Ciranda Infantil na LEdoC, torna-se necessário, antes de tudo, refletirmos sobre a nossa própria infância. Nos colocar no lugar das crianças que ali chegam. Diante disso, são muitas atividades que a ciranda propõe ao longo das etapas para sensibilizar os estudantes e os fazer refletir sobre sua própria infância. Neste contexto, observa-se que para muito adultos é difícil falar de sua própria infância, uma vez que muitas foram calcadas no trabalho infantil, ou outras formas de violências enfrentadas num contexto em que nem as famílias, nem a sociedade chegaram a dar o amparo necessário.

No Quadro 1 registramos as falas sobre as infâncias das mães pesquisadas.

### **Quadro 1 – Fala das mães sobre sua própria infância**

Era uma criança feliz que brincava todos os dias. EH1

Difícil. Pois trabalhava muito na roça quando tinha tempo que brincava. EH2

Minha infância foi um pouco difícil devido minha queimadura. EM1

Não gosto de falar sobre a minha infância, pois não tive. EM2

Difícil, porém feliz. EM3

Descreveria minha infância como a fase de agora. Não tive o privilégio de desfrutar de minha juventude. EM4

Divertida, uma infância rica de humildade, mas divertida. EM5

A partir das respostas adquiridas observamos que para alguns entrevistados não foi possível desfrutar dos direitos da infância. Isso se dá porque é recente a conquista de direitos dos povos do campo, principalmente com relação à infância. Portanto, a Ciranda constitui como um direito das crianças do campo, conforme afirma SANTOS (2015)

a troca de experiências que se dá através do resgate das vivências trazidas das comunidades pelas mães, estudantes e principalmente pelas crianças, em que são compartilhadas suas histórias e brincadeiras, a fim de que além do aprendizado que acontece de forma mútua, as crianças continuem da melhor forma possível o contato com sua realidade e estimulem a imaginação, a observação, à motricidade fina, à fantasia, etc. SANTOS (2015, p. 48).

Para sensibilizar o olhar das/os estudantes com relação a presença das crianças na universidade, são construídas as metodologias de inserção da Ciranda nos outros processos educativos das turmas. Isso ao longo do processo, culminou numa maior participação, interação e cuidado, por parte dos estudantes.

A Ciranda constitui-se como instrumento fundamental para as mães e isso se reforça a partir de seus relatos, tal como vemos no Quadro 2.

### **Quadro 2 – Falas das mães sobre a contribuição da Ciranda.**

A Ciranda é um espaço que nos ajuda muito durante esse tempo que ficamos aqui, pois não sei como seria a nossa vida de mãe e estudante sem o espaço da Ciranda. M2

A contribuição da Ciranda para a minha formação é muito importante porque se não existisse essa Ciranda não sei se iria terminar. M1

A Ciranda contribuiu bastante para meu desenvolvimento e formação acadêmica, pois ajudou a cuidar dos meus filhos enquanto eu estava em sala buscando um melhor aprendizado. M3

O apoio que a Ciranda oferta às mães estudantes é mais que distração para as crianças: é o cuidado. É saber que podemos sentar na cadeira da sala de aula e prestar atenção nos professores, nos colegas e cumprir a ação de estudar e viver esta formação com dignidade. (...) Entrei para a LEdoC, nunca havia sido mãe, nem gerado ser nenhum. Tinha o desejo e esperança. Então meu encanto pelo projeto foi empático (...). Precisamos dela para galgar os caminhos do estudo, da vida, da ciência e da humanização. M5

Nas primeiras turmas havia certa resistência com relação à aceitação da Ciranda Infantil como parte educativa do curso, conforme afirma SANTOS (2015, p. 42) “a Ciranda na LEdoC, portanto, não obteve o acolhimento imediato das turmas, que questionaram a princípio a proposta”, uma vez que por ser um curso heterogêneo, muitos estudantes quando ingressam não conhecem a Ciranda. Porém, é possível notar a conquista da Ciranda como Projeto de Extensão, que a assegura e lhe dá autonomia de ocupar os espaços da universidade. Observa-se, portanto, a partir daí, mais compreensão e aceitação por parte de outros estudantes que não são genitores. Neste contexto, também a compreendem como importante. Vemos no Quadro 3 alguns relatos de estudantes que ainda não têm filhos.

### Quadro 3 – Relatos de estudante que não têm filhos

A ciranda é muito importante pelo fato de ajudar as mães estudar. EH1

Importante para que as mães não desistam de estudar. EH2

Se não fosse a Ciranda não tinham nem terminado. EM2

Ajuda as mães em tempo aula pois sabemos da dificuldade em estudar com as crianças. EM3

Serve para ajudar as mães no dia a dia na sala de aula para que elas possam concluir o curso sem desistir. EM4

Termos momentos com crianças. EM5

A importância da Ciranda da LEdoC, porque é um apoio para as mães estudarem. EM6

A Ciranda é como a porta de inclusão para os pais entrarem na universidade, portanto de suma importância para todos. EM7

É fundamental para a LEdoC pois é o espaço que ajuda as mães nas quais são as que mais encontram dificuldades para permanecer na universidade. EM8

EH: Estudante Homem

EM: Estudante Mulher

Essas mudanças na relação da Ciranda com as turmas da LEdoC bem como com a FUP como um todo, se deu a partir de muito diálogo entre mães cirandeiras e professores, e também, a partir da inserção da mesma nos momentos de interação, seja com participação ativa, nas Semanas Universitárias, e principalmente como fonte de pesquisa para estudantes da LEdoC e de outros cursos. Observa-se, portanto, que os estudantes se voluntariam mais para participarem do Setor de Trabalho na Ciranda. Isso reforça a ideia deste espaço como conquista dos movimentos sociais do campo.

Outro fator importante com relação aos estudantes a ser ressaltado, é a compreensão das potencialidades da Ciranda como elemento que contribui para a

formação de professores do campo, uma vez que tanto as mães quanto os outros estudantes atuarão para além da sala de aula. Ou seja, interferirão no contexto social, cultural e econômico nas comunidades e escolas. E a Ciranda neste contexto possibilita exercitar a prática docente. Isso é evidente quando estes estudantes são questionados sobre a interferência da Ciranda em sua formação.

#### **Quadro 4 – impactos da ciranda na formação de professores de campo.**

Interferiu de uma forma melhor, me mostrando que através de atividades criativas e lúdicas descobrimos um mundo mais colorido para os meus filhos.M1

Além de perceber a socialização e o cuidado da comunidade acadêmica, as vivências nos fazem cair máscaras de preconceitos com relação à saúde e ao que realmente importa para a educação infantil e perceber que mais que status, nossas crianças precisam ser crianças e brincar. E estarem perto de suas mães e pais. M2

No momento que nos envolvemos com outras crianças vejo a necessidade de agir com meu filho com formas didáticas de lidar. M3

A compreensão que os alunos na ciranda além de serem cuidados recebem aprendizagens. EH 1

Contribuindo para a formação de mães guerreiras. EM1

Muitas mães não tinham com quem deixar os filhos para estudar e com a Ciranda abriu esta oportunidade das mães estudarem e trazer seus filhos. EM2

Valorizando a importância das crianças porque elas são o futuro. EM6

O professor do campo irá trabalhar com alunos do ensino fundamental, portanto, ainda crianças. Sendo assim, a ciranda é um laboratório de aprendizados, é um estágio para se colocar em prática os conhecimentos apreendidos em sala de aula. EM7

De maneira coletiva ajuda os educadores possam ter a percepção de que a coletividade e a importância de ajudar o próximo é o melhor meio a seguir. EM8

Constata-se, portanto, que estes docentes em formação exercerão

(..) uma prática pedagógica coletivamente organizada é um processo formador, posto que permite ao sujeito realizar a ação, discutir os erros e acertos, propor novos encaminhamentos, ou seja, construir uma autonomia que é exercida diariamente nas tomadas de decisões do cotidiano (MOLINA, 2010, p. 67).

Na atual conjuntura política do país é evidente que os investimentos na área da educação no país recuaram significativamente e isso refletiu diretamente na universidade, partindo do corte de recursos para a pesquisa e extensão. Neste contexto, a Ciranda também foi afetada diretamente pela falta de recursos para

subsidiar as cirandeiras e também na aquisição de materiais básicos necessários para o cuidado das crianças.

Foram muitas as dificuldades enfrentadas por mães e cirandeiras para garantir a permanência da Ciranda. Em alguns momentos, não fosse a disponibilidade e solidariedade de voluntários e mães, o Projeto de Extensão Ciranda Infantil teria sido extinto, uma vez que não havia recurso necessário para subsidiar cirandeiras fixas. Porém, como os sujeitos formados pela LEdoC estão em constante exercício da coletividade e do cuidado com o outro, não deixaram as mães sem apoio e assim, a Ciranda permaneceu em funcionamento.

As dificuldades enfrentadas pelas mães no tocante ao cuidado dos filhos ultrapassam os muros da universidade. Observa-se que sua jornada fora dela também é dupla e muitas vezes, até tripla. “Invisíveis, repetitivas, exaustivas, improdutivas, e nada criativas – esses são os adjetivos que melhor capturam a natureza das tarefas domésticas.” (DAVIS, 2016 p.225). Isso se reforça a partir das falas quando perguntadas sobre as dificuldades de ser mulher e mãe universitária da LEdoC, dentro e fora da universidade.

#### **Quadro 5 – Fala das mães sobre as dificuldades de ser mãe universitária.**

Às vezes difícil, porque muitas das vezes perde muitas oportunidades por não ter com quem deixar seus filhos. É dupla jornada. M1

São inúmeras principalmente quando são mães solteiras. M2

Lutar contra o preconceito e quebrar todas as barreiras que são impostas no decorrer dos semestres, e pedir desculpas para sua colega de quarto por seu filho acordar vomitando e quando amanhecer está preparada para aula. Fora da universidade levar e buscar o menino na escola, ajudar nas tarefas de casa e passar a madrugada estudando. M3



Diante disso, um objetivo estratégico de libertação feminina, é claramente a abolição das tarefas domésticas enquanto responsabilidade privada e individual das mulheres.

Por outro lado, a presença destas mães/mulheres na universidade se constitui como uma alavanca pessoal, profissional, acadêmica, discursiva e narrativa. Possibilitando a elas, novas experiências e acima de tudo, direito à ter voz e acesso ao conhecimento e produção intelectual. Percebemos isso na fala de uma mãe:

Ser mãe Universitária é um privilégio da vida pois sirvo de exemplo para muitas mães porque elas desistem às vezes só por causa dos filhos. E não é um filho que acaba com seus sonhos eu me sinto com mais vontade de ir além por ser mãe (M1).

A Ciranda Infantil de fato contribui para o aprendizado humanizado e coletivo. Constata-se sua importância na LEdoC mesmo com suas dificuldades. Sua permanência na universidade é demanda tanto das mães quanto dos outros estudantes. Isso fica evidente a partir dos relatos sobre a possibilidade de extinção do projeto, expressas no Quadro 6.

#### **Quadro 6 – Porque a ciranda não pode ser extinta?**

Porque ela é importante não só na faculdade como também nas comunidades.

HE1

Por que não teria como as mães estudar. HE2

Porque ela é o alicerce para as mães. EM1

É ajuda essencial para as mães aqui na LEdoC. EM2

Pois os pequenos são as chamas da mudança e também as constrói. EM3

Não pois essa é a única oportunidade para as mães estudarem e acho que deveria ter Ciranda em vários outros cursos. EM4

A ciranda é fundamental para que os pais voltem a estudar é um espaço que torna a LEdoC mais humana. De maneira alguma deve-se perder esse espaço, portanto cabe a nós lutarmos para manter mais essa conquista. EM7

É um espaço maravilhoso e que ajuda muito as mães no período em que estão em TU. EM8

A Ciranda Infantil é espaço em constante processo de construção, uma vez que suas práticas são baseadas nas práticas educativas da Educação do Campo em que o diálogo é o conceito central, conceito este sugerido por Paulo Freire, como elemento primordial na prática pedagógica. Conforme afirma SANTOS (2015).

e associado a ele, os conceitos de criticidade, curiosidade, escuta, construção do conhecimento, amorosidade, colaboração, tolerância e sonho que para serem experimentados enquanto ato educativo, precisam ser mediados pela ação humana, para chegar até a criança e a todo ambiente que a cerca, possibilitando seu crescimento, seu amadurecimento, seu desenvolvimento integral SANTOS (2015, p. 48).

É neste contexto dialógico e crítico que a Ciranda se mantém, ouvindo as críticas e sugestões de todos os sujeitos envolvidos.

#### **Quadro 7 – críticas e sugestões**

Que tivesse a compreensão e apoio de todos os alunos e professores e órgãos governamentais. HE1

Ter mais voluntários para cuidar das crianças. HE2

Que tenha parquinho com segurança. EM3

Talvez a construção de um parquinho para que as crianças não ficassem só na salinha. EM4

Mais compreensão com a ciranda pois ainda há as pessoas que vão contra. EM6

A proposta da ciranda em si é fantástica, no entanto acredito que o espaço deveria receber uns ajustes, o espaço é muito pequeno considerando o grande número de crianças que vão a cada etapa. EM7

Um espaço maior para as crianças. EM8

Portanto, é nessa construção coletiva, dialógica, afetiva e amorosa que reforçamos a importância desse projeto que cada dia ressignifica e reforça a luta da Educação do Campo, na perspectiva de uma sociedade mais justa, igualitária e fraterna.

#### Considerações Finais

A partir de minha experiência no Curso de Licenciatura em Educação do Campo posso afirmar que sou testemunha da conquista que representa a Ciranda para nós mães universitárias. Ao entrar no curso somos acolhidas com esse pequeno espaço tornado um recurso que amplia o presente e o futuro de muitas de nós.

A partir da especificidade de estudantes camponeses e camponesas, vamos tomando consciência da importância da participação e da luta coletiva para a garantia de direitos, e tais aprendizagens permanecem presentes na vida de muitos de nós, fora da universidade.

Sabemos que a conquista deste direito de acesso à universidade é resultado de uma ampla luta dos movimentos sociais e de setores que apoiam a democratização desse acesso. E sabemos que esta luta deve continuar, assim como os desafios para toda a educação do campo, na garantia desta e de outros direitos.

Queremos uma universidade humanizada e que dê acolhimento para as mulheres mães, assim como esteja comprometida com a busca de soluções para suas dificuldades.

A ciranda, por outro lado, desafia estudantes e professores a seguir pensando a formação na perspectiva da coletividade, comprometida com a comunidade, assim

como com a educação infantil e a infância do campo. Ser educador do campo é também olhar para além da escola e esse olhar é sempre de ampliação do compromisso com as transformações.

As crianças tornam a LEdoC uma experiência muito particular, humanizando as relações da comunidade acadêmica que convive com ela. As mães universitárias percebem que as crianças avançam em seu processo de aprendizagem, dando início ao interesse pelo conhecimento escolarizado e letramento, sendo que é possível observar constantes progressos nos pequeninos, que aprendem palavras e iniciam seu caminhar. Apesar das dificuldades de adaptação nos primeiros dias, aos poucos elas desfrutam dessa experiência pedagógica.

A ciranda acolhe 4 grupos de crianças por ano, de aproximadamente 8 a 10 crianças, cada um. O que representa quase 40 crianças por ano, o que, em 10 anos, forma um total de 400 crianças. Toda a convivência com as crianças transforma a elas e a todos os que convivem com elas. A ciranda também afeta os e as trabalhadoras da FUP.

Atualmente o grupo de voluntárias/os tem sido maior. Vemos a generosidade e a solidariedade presente em diversos/os estudantes neste gesto de cuidar. A Ciranda Infantil protagoniza, de forma profunda, a mudança de valores individualistas e consumistas para os valores coletivos.

## 5. REFERÊNCIAS

BRANDÃO. Carlos Rodrigues; BORGES. Maristela Correa. **A pesquisa participante: um momento da educação popular 1**. Rev. Ed. Popular, Uberlândia, v. 6, p.51-62. jan./dez. 2007

BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, 1988.

\_\_\_\_\_. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília, 1996.

\_\_\_\_\_. Estatuto da Criança e do Adolescente. Brasília, 1990.

\_\_\_\_\_. CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO. Diretrizes Operacionais para a Educação Básica nas Escolas do Campo. Resolução CNE/CEB Nº 1, de 3 abr. 2002. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/CEB012002.pdf>

\_\_\_\_\_. CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO. Diretrizes complementares, normas e princípios para o desenvolvimento de políticas públicas de atendimento da Educação Básica do Campo. Resolução Complementar CNE/CEB Nº 2, de 2008. Disponível em: [http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/resolucao\\_2.pdf](http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/resolucao_2.pdf)

\_\_\_\_\_. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil. Brasília: MEC/SEB, 2010.

\_\_\_\_\_. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Parâmetros básicos de infraestrutura para instituições de Educação Infantil. Brasília : MEC, SEB, 2006.

BOFF, Leonardo. Saber Cuidar: A Ética do Humano. Compaixão pela Terra. São Paulo, ed..... p.11 e 12 .... 1999.

BRASIL, Diretrizes Operacionais da Educação Básica para as Escolas do Campo, 2002

FAUSTINO, Nelma Ferreira. A trajetória da mulher brasileira em busca de educação. São Paulo: Cortez, 2014.

FALEIRO, Wenders; FARIAS, Magno Nunes. **Inclusão de Mulheres Camponesas na Universidade: entre sonhos, desafios e lutas**; Educ. Pesq., São Paulo, jul./set, 2017.

FLICK, Uwe. Uma **Introdução à Pesquisa Qualitativa**; trad. NETZ, Sandra. 2. Ed. Porto Alegre: Bookman, 2004.

HOLLANDA, Heloísa Buarque de. **Explosão Feminista: Arte, Cultura, Política e Universidade** \_ 1ª ed. \_ São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

Morissawa, Mitsue. **História da Luta pela Terra e o MST**. Expressão Popular, São Paulo, 2001.

NOGUEIRA, Cláudia Mazzei. A feminização no mundo do trabalho: entre a emancipação e a precarização . Ed. Autores Associados, São Paulo, 2004.

Universidade de Brasília. Projeto Político Pedagógico do Curso de Graduação em Licenciatura em Educação do Campo. Planaltina. 2018.

SANTOS, Maria Cezário dos. Ciranda infantil e a formação de educadores do campo: a experiência da UNB Planaltina. Planaltina: UnB. Monografia, 2015.

SANTOS, Clarice Aparecida dos. Educação do Campo e Políticas Públicas no Brasil: o protagonismo dos movimentos sociais do campo na UnB. FE/UnB. Brasília, 2012.

DAVIS, Ângela. **Mulheres, Raça e Classe**. Tradução Heci Regina Candiani. - 1. Ed. Boitempo, São Paulo, 2016.

Molina. Mônica Castagna (org.) - **Educação do Campo e Pesquisa II** - Questões para reflexão. - MDA/MEC, Brasília, 2010.

MELLO, Guiomar Namó de. Formação inicial de professores para educação Básica. São Paulo V.14, 2000.

MOREIRA, THIAGO.

PACHECO Adriana; SILVA Cléria Paula Franco da; PASUCH Jaqueline. A educação infantil do campo na perspectiva da valorização da criança enquanto sujeito do campo. GRUPECI, UFG, s/d.P,3, 2003.

TRINDADE, Domingos Rodrigues da... [et al.]. **Sujeitos do Campo em movimento: direitos, resistência e práticas formativas/ organização**, 1 Curitiba [PR]: CRV, 2018.

<http://portal.mec.gov.br/secretaria-de-educacao-continuada-alfabetizacao-diversidade-e-inclusao>

# APÊNDICES

## Apêndice A – Roteiro da entrevista

Estimada/o colaboradora/o, este é um questionário que compõe minha pesquisa sobre a Ciranda LEdoC. Sua colaboração é muito importante e necessária para compreendermos seu funcionamento e ensinamentos. Agradecemos sua colaboração e solicitamos que suas respostas sejam bem amplas e detalhadas, para auxiliar em nosso estudo sobre este tema desta pesquisa.

( ) mãe ( ) pai ( ) estagiária/o ( ) voluntária/o

Comunidade \_\_\_\_\_

Município \_\_\_\_\_ Estado \_\_\_\_\_

Sobre as crianças

1. Quantos filhos/as você tem? \_\_\_\_\_

2. Já trouxe algum/a para a Ciranda? \_\_\_\_\_ Quantos? \_\_\_\_\_

3. Especifique as razões para trazer seus filhos para a Ciranda.

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

---

---

---

---

4. Quais as dificuldades encontradas ao trazer seu filho ou filha para a LEdoC?

---

---

---

---

---

---

5. Quais foram suas primeiras impressões com a Ciranda Infantil?

---

---

---

---



---

---

6. Como era sua relação com as cirandeiras?

---

---

---

---

---

---

---

---

7. Quais os problemas vivenciados na ciranda?

---

---

---

---

---

---

---

---

8. Como você participou da busca de soluções para esses problemas?

---

---

---

---

---

---

---

---

9. Qual o seu papel como voluntário na ciranda infantil da LEdoC?

---

---

---

---

---

---

---

---

10. Qual a importância da ciranda infantil em sua opinião?

---

---

---

---

---

---

---

11. O que foi levado da ciranda como experiência para sua vida?

---

---

---

---

---

## **Apêndice B – Questionário para as mães da LEdoC:**

Este questionário faz parte de nossa pesquisa sobre o projeto de Extensão Educação Infantil Ciranda. Tem o propósito de conhecer sua opinião sobre esta experiência. Sua opinião é de grande importância para nosso trabalho. Agradecemos toda colaboração que puder nos oferecer.

Nome \_\_\_\_\_ da  
mãe \_\_\_\_\_ Turma \_\_\_\_\_

Nome da(s) criança(s) \_\_\_\_\_  
Idade \_\_\_\_\_

Comunidade \_\_\_\_\_

1- Conte a história de sua experiência com a ciranda.

4- A ciranda interferiu de alguma forma na maneira de cuidar de sua criança?

5- Como você concilia a maternidade, ser mulher e estudante ao mesmo tempo na LEdoC?

11- quais as dificuldades de ser mulher e mãe fora da universidade?

12- O que é ser mãe universitária ?



# ANEXO 1



UnB/Universidade de Brasília

FUP/Faculdade UnB Planaltina

Licenciatura em Educação do Campo-LEdoC

Projeto Metodológico - PROMET

Tempo Universidade - TU

**O objetivo** do curso de Licenciatura em Educação do Campo é preparar o estudante para conduzir processos educativos e de gestão comunitária e escolar, além de preparar para o ensino. Para tanto propõe uma forma de Organização do Trabalho Pedagógico que possibilite ligação entre o tempo aula com os outros tempos da vida estudantil, buscando uma experiência formativa integrada aos espaços externos ao da sala de aula. A auto-organização dos estudantes é parte central da formação de educadores da LEdoC pois, a formação da dimensão coletiva é um dos fundamentos curso.

A Organização do Trabalho Pedagógico está formada pelo **Tempo Comunidade-TC** que é o período de atividades de formação desenvolvido na comunidade. Está composto por Inserção Orientada na Comunidade (IOC) e Inserção Orientada na Escola (IOE). E pelo **Tempo Universidade-TU que** é o período de atividades de formação desenvolvido na universidade (UnB). Está composto pelos componentes curriculares e atividades de formação político-pedagógicas. Está dividido em

Tempos Educativos. O TU, portanto, prepara o estudante para atuar na sua comunidade e na sua escola.

**O Projeto Metodológico-PROMET**, tem como objetivo dar sentido e organizar todo o Trabalho Pedagógico do curso. O PROMET se dedica a pensar o TEMPO UNIVERSIDADE (ou Tempo Escola), de maneira que todas as atividades desenvolvidas formem parte de um todo maior, que atenda os objetivos formativos e educacionais do curso.

**Tempos Educativos ou formativos:** O Tempo Universidade está estruturado por meio dos Tempos Educativos que visam organizar o tempo pessoal e o tempo coletivo dos estudantes em relação às tarefas necessárias para realização tanto da formação acadêmica, quanto da formação político-pedagógica auto-organizativo.

**Os tempos formativos são:**

**Tempo Memória:** (7h30h às 7h45) Esse tempo é dedicado à leitura da Memória do dia anterior. É tarefa dos Grupos de Organicidade, obedecendo a uma escala. Os dias de aula serão distribuídos entre os GOs e cada GO se organiza para fazer a memória daqueles dias sob sua responsabilidade. Todos os integrantes do GO devem fazer a memória, registrá-la e entregar cópia para a secretaria da turma que fará o arquivo.

**Tempo Mística:** (7h45 às 8hs) marca o início das atividades do dia, aberto a várias possibilidades e formas de expressão, abrangendo as questões do campo, da educação do campo, dos movimentos sociais e sindicais, das lutas caponesas, dos sujeitos individuais e coletivos. É um momento de mobilizar a sensibilidade, utilizando diversas linguagens (lúdicas, reflexivas, videos, leituras, música, etc).

**Tempo Estudo:** destinado à leitura de textos e estudo em grupo durante a Etapa. Cabe aos (às) educandos(as) organizarem seus textos para leitura, nesse tempo, para preparar-se para as aulas.

**Tempo Aula:** (8hs por dia): tempo diário, destinado ao desenvolvimento dos componentes previstos na matriz curricular, sob a orientação de um ou mais docentes. Cada componente é desenvolvido segundo o Cronograma da Etapa,

respeitada sua carga horária e a necessária articulação de conhecimentos com outros componentes da etapa. Ao início de cada turno (manhã e tarde) caberá a(o) coordenador(a) de cada GO verificar e registrar a presença de seus integrantes, comunicando e justificando as ausências às aulas ao docente do dia e à secretaria da turma. Cada GO deverá também ser responsável por providenciar materiais para o professor, como papel, canetas, data show. O GO deve estar à disposição, durante todo o dia, para auxiliar o trabalho pedagógico e garantir a elaboração da memória.

**Tempo Cultura/Conjuntura:** (2h por semana) destinado à socialização e reflexão sobre expressões culturais diversas e resgate da cultura popular. Pode incluir debate sobre questões atuais, filmes e peças teatrais, com a participação de convidados. Organizado pelo Setor de trabalho Análise de Conjuntura juntamente com o Setor de Comunicação, cultura e esporte.

**Tempo Organicidade:** Destinado aos encontros dos grupos organizados no curso: Grupo de Organicidade, Coordenação Político-pedagógica, Setor de Trabalho, Plenária da Turma.

**Grupo de Organicidade-GO:** São sub-grupos das turmas destinados a realizar tarefas de gestão coletiva do curso de estudos, exercitando a autonomia dos educandos. É à base de organização do coletivo, espaço de trabalho e estudo, mas também de afetividade. Nos GOs os estudantes podem identificar problemas e buscar soluções coletivas que podem ser encaminhadas para as instâncias seguintes quando forem relacionadas a questões do curso como um todo. É tarefa do GO, segundo escala definida: Coordenar as atividades do dia (garantir a memória do dia, a mística, e os tempos educativos).

**Tempo Trabalho:** (1 hora por dia) é o tempo diário destinado à realização de tarefas e serviços necessários ao funcionamento do curso, que possui um conjunto de especificidades. Será realizado pela vinculação de cada estudante a um dos Setores de Trabalho, que terá um coordenador escolhido pelos estudantes.

**Setor de Trabalho** – ST: É à base de organização do trabalho, compreendido como dimensão formativa do educador. A universidade não é apenas lugar de estudo, mas



de formação humana e, assim, as várias dimensões da vida devem estar presentes no processo formativo. O trabalho tem como objetivo proporcionar aos estudantes oportunidade de tomar parte na manutenção das condições materiais da vivência coletiva. Assim exercitam o princípio de solidariedade e cuidado com o outro, gerindo o próprio espaço de convivência. Do tempo organicidade ST participam os membros de cada setor, coordenado por um dos estudantes eleitos pelo coletivo do setor, no início da etapa.

Os setores de trabalho são:

**Comunicação, cultura, esporte:** organiza o tempo cultura propondo atividades e providenciando as condições para sua realização; mantém os murais atualizados com informações sobre o dia-a-dia da etapa (trabalhos a serem realizadas para os componentes, prazos, orientações). Propõe e organiza atividades de lazer e festivas, tomando as providências necessárias para sua realização. Pode se articular com o setor de análise de conjuntura.

**Análise de conjuntura:** Elabora e organiza a programação de debates sobre a atualidade e articula com o setor de Comunicação, cultura e esporte as atividades culturais e de lazer.

**Secretaria:** tem a função de reprodução de materiais para os professores, organização das memórias da turma, articulação com a equipe de secretaria do Curso. Realiza a chamada, registrando as presenças e ausências. Encaminha a frequência da turma à Secretaria da LEdoC ao final de cada etapa. Tem também a função de arquivar fotos e vídeos para a memória da turma.

**Ciranda: Cuidado com as crianças** - participa das atividades da ciranda, tanto no cuidado das crianças quanto na elaboração de atividades pedagógicas.

**Limpeza dos brinquedos.** Garante a limpeza dos brinquedos utilizados pelas crianças uma vez ao dia.

**Limpeza da ciranda:** Garante a higiene do espaço da ciranda; Faz escala para auxiliar as mães fora do horário de aula (manhã, meio dia e noite);

**Saúde**: organiza uma farmácia verde e controla o uso dos medicamentos e materiais disponíveis. Fica disponível para atender aos estudantes quando necessário, inclusive à noite. Elabora de chás de ervas naturais que contribuam para o bem-estar dos estudantes (gripe, estimulante, digestivo, etc.). Mantém contato com o atendimento psicológico e a enfermaria da FUP, e encaminha os estudantes até lá, quando necessário. Pode criar ou cuidar de uma horta de ervas.

**Limpeza dos quartos**: é de responsabilidade dos estudantes do quarto. Devem se organizar para mantê-lo limpo diariamente. Não é um setor de trabalho, mas, uma obrigação de todos.

**Coordenação da Turma** – CT: são representantes da turma, eleitos pela mesma, que formam uma equipe de coordenação (dois homens e duas mulheres). Sua tarefa é representar seu grupo na FUP, ou em qualquer outra instância, acompanhar os grupos de organicidade no cumprimento de suas tarefas, conduzir as plenárias, trazer informes para a turma.

**Coordenação Político-Pedagógica** – CPP: reúne semanalmente a equipe de coordenação pedagógica do curso, composta por docentes da UnB, além dos representantes da turma, para tratar do planejamento e re-planejamento pedagógico da etapa.

**Plenária da Turma**: espaço que reúne todos os estudantes para momentos de avaliação, reflexão e tomada de decisões a respeito do curso, das relações interpessoais e questões da organicidade.

#### Auto-avaliação da Organicidade

A auto-avaliação será orientada e realizada em cada GO, podendo ser socializada com o conjunto da turma. A auto-avaliação será realizada de acordo com os seguintes critérios:

- É um processo coletivo e individual de observação, análise, reflexão.
- Analisa o grau de compromisso do estudante com seus grupos e sua responsabilidade com as tarefas.
- Busca analisar os erros, superá-los e consolidar os acertos.

- Cada educando elabora o seu processo de auto-avaliação dialogando com o seu coletivo, registrando os erros e acertos e considerando os pontos francos de aprendizagem que devem ser melhorados.